

Recebido em mai. 2009

Aprovado em jun. 2009

Kalagatos - REVISTA DE FILOSOFIA. FORTALEZA, CE, v. 6 n.11, INVERNO 2009

O CONCEITO DE PARALELISMO NA *ÉTICA* DE BENEDICTUS DE SPINOZA ¹

EMANUEL ANGELO DA ROCHA FRAGOSO *

RESUMO

Em sua *Ética*, Benedictus de Spinoza postula na proposição 7 da parte 2 que “A ordem e a conexão das ideias é a mesma que a ordem e a conexão das coisas”. É o paralelismo; ou seja, a identidade entre a potência de pensar de Deus e a sua potência atual de agir, que vai possibilitar a afirmação da substância única, permitindo a Spinoza corrigir as dificuldades da filosofia cartesiana. Nosso objetivo com o presente trabalho é o de expor e analisar como Spinoza supera as dificuldades cartesianas, explicitando os termos *isomorfia*, ou a identidade de ordem entre as ideias e os corpos; a *isonomia*, ou a identidade entre as séries dos atributos da substância absoluta e a identidade de conexão entre as duas séries; a *isologia* ou a identidade do ser. Além destes, explicitaremos a distinção deleuziana para o paralelismo epistemológico e o paralelismo ontológico, visando tornar clara a importância deste conceito para o conjunto da *Ética*.

PALAVRAS-CHAVE

Benedictus de Spinoza. Gilles Deleuze. Martial Guerout. *Ética*. Paralelismo.

ABSTRACT

In his Ethics Benedictus de Spinoza postulates on Proposition 7 in Part II that “The order and connection of ideas is the same as the order and connections of things”. It’s the parallelism, which means the identification of God’s potency of thinking and God’s actual potency of action that allows the affirmation of the single substance making possible for Spinoza to correct the difficulties presented on Descartes’ philosophy. With the present paper we aim to expose and analyze the way Spinoza’s work overcome Descartes’ difficulties, explicit in Spinoza’s concept the term Isomorphism; or the order identity of ideas and bodies, Isonomy ; or the identity between the series of attributes of the absolute substance and the identity of connection between these two series; Isology; or the identity of the being. Beyond that, we aim to explicit Deleuze’s distinction of epistemological parallelism and ontological parallelism, in an attempt of making clear the importance of this concept to the wholesome of the Ethics.

KEYWORDS

Benedictus de Spinoza. Gilles Deleuze. Martial Guerout. *Ethics*. Parallelism.

* Professor de FILOSOFIA no CURSO DE Mestrado Acadêmico em Filosofia e na GRADUAÇÃO em Filosofia da UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE. Coordenador do GT BENEDICTUS DE SPINOZA.

¹ Este artigo é uma versão revista e ampliada do texto apresentado no VI ENCONTRO INTERINSTITUCIONAL DE FILOSOFIA UFPB-UFPE-UFRN, realizado em Recife-PE no período de 28 a 30 de maio de 2008.

INTRODUÇÃO

Sem dúvida podemos afirmar que boa parte dos problemas que a Metafísica cartesiana apresenta é decorrente de sua concepção da substância, exposta no artigo 51 da primeira parte de sua obra *Princípios da Filosofia* (1997, p. 45). A partir desta concepção, impõe-se a questão: como estabelecer a relação no homem, entre as duas substâncias? Como relacionar o que constitui a natureza e a essência da substância corporal (a extensão em comprimento, largura e altura), com o que constitui a natureza e a essência da substância que pensa? Ou dito de outra forma: como explicar a relação entre os atributos principais (pensamento e extensão) das substâncias (mente e corpo)? Em 1649, em sua última obra publicada em vida, *As paixões da alma*, Descartes expõe o que pode ser considerado uma resposta a esta questão: a responsável pela troca de informações entre as substâncias cartesianas seria uma “pequena glândula” (a glândula pineal), que dentre muitas outras funções não inteiramente explicadas ou demonstradas por Descartes, teria também a função de transmitir ao corpo as informações da mente. (1983, art. 31, p. 228).

No entanto, a resposta de Descartes, ou como a ela se refere John Cottingham, sua “tortuosa explicação” (1995, p. 74), antes de resolver a questão, aumenta ainda mais sua dificuldade. No dizer de Cottingham:

É quase desnecessário dizer que essa estranha noção dificilmente fornece uma solução para o problema da causalidade psicofísica; se é difícil ver como a minha alma imaterial pode fazer com que minhas pernas e

meus braços se movam, não é mais fácil, em princípio, ver como ela pode gerar impulsos em minha glândula pineal. (1995, p. 74).

O conceito de paralelismo em Benedictus de Spinoza pode ser considerado como uma solução para a questão cartesiana. Nosso cuidado nesta afirmativa se prende ao fato de a hipótese de que Spinoza desenvolveu o paralelismo com a clara intenção de resolver esta questão não pode ser demonstrada. No entanto, o seu contrário também não pode ser demonstrado; ou seja, permanece sempre como uma possibilidade.

1.0 PONTO DE CHEGADA: O PARALELISMO

Spinoza escreve na proposição 7 da Parte 2 da *Ética* que “A ordem e a conexão das ideias é a mesma que a ordem e a conexão das coisas”. É o paralelismo, ou a afirmação de uma só e mesma conexão de causas, isto é, as mesmas coisas seguindo-se umas das outras, “[...] quer concebamos a natureza sob o atributo da extensão, quer sob o atributo do pensamento, quer sob qualquer outro atributo” (E2P7S)². Martial Gueroult afirma que o

² Utilizaremos as seguintes siglas para as citações internas da *Ética*: indicaremos a parte citada em algarismos arábicos, seguida da(s) letra correspondente para indicar as definições (Def), axiomas (Ax), proposições (P), demonstração da proposição (D), postulados (Post), lemas (L), prefácios (Pref), corolários (C), escólios (S) e Apêndice (Ap), com seus respectivos números. Como referência para consulta ao texto original, mencionaremos também o número da página na qual se encontra o texto em referência na edição de Carl Gebhardt, *Spinoza Opera*, cuja sigla será SO, seguida do número correspondente ao volume (1 a 4), em algarismo arábico.

termo “coisas” na proposição 7 refere-se aos modos dos outros atributos além do atributo pensamento. E conclui: “Donde resulta que a ordem e a conexão das ideias no pensamento é a mesma coisa que a ordem e a conexão dos modos nos diversos atributos.” (1997, v. 2, p. 66).

Para demonstrar a proposição 7 Spinoza utiliza o axioma 4 da parte 1: “O conhecimento do efeito depende do conhecimento da causa e envolve este último.”, explicando que: “[...] a ideia de qualquer coisa causada depende do conhecimento da causa da qual ela é o efeito.” (E2P7D). E o axioma, enquanto tal, não necessita de demonstração. Como corolário desta proposição, Spinoza deduz que “[...] a potência de pensar de Deus é igual a sua potência atual de agir”, explicando que isto significa que “[...] tudo o que se segue, formalmente, da natureza infinita de Deus segue-se, objetivamente em Deus, na mesma ordem e segundo a mesma conexão, da ideia de Deus.” (E2P7C). Fundamentando-se na passagem do escólio da proposição 17 da parte 1: “[...] a onipotência de Deus tem existido em ato, desde a eternidade, e assim permanecerá eternamente.”, Gueroult escreve que “Potência atual como ela produz, tem produzido, produzirá eternamente com a mesma necessidade a infinidade das coisas numa infinidade de modos que decorrem da natureza de Deus.” (1997, v. 2, nota 53, p. 74).

No entanto, ainda que não referido explicitamente na sua demonstração, o paralelismo pressupõe a independência dos atributos e o monismo

substancial, ou seja, só pode haver uma única substância. Quanto ao primeiro ponto, Spinoza afirma na proposição 10 da parte 1: “Cada atributo da substância deve ser concebido por si mesmo”. Por conseguinte, os modos de qualquer atributo que seja não envolvem mais que o conceito do atributo do qual são modos. Assim, os modos do atributo extensão ou os corpos e os modos do atributo pensamento ou as ideias que constituem a natureza do homem são modos pelos quais os atributos de Deus se exprimem de forma certa e determinada (E1P25C). Donde, os corpos têm Deus como causa apenas enquanto ele é considerado sob o atributo extensão; da mesma maneira, as ideias têm Deus como causa apenas enquanto ele é considerado sob o atributo pensamento (E2P6). Victor Delbos em sua análise do paralelismo observa que ainda “[...] se sob esse aspecto os diversos atributos e seus modos respectivos sejam irreduzivelmente distintos, eles têm suas determinações subsumidas à mesma ordem e regras segundo as mesmas relações.” (1987, p. 77; 2002, p. 82).

Quanto ao segundo ponto, o monismo substancial, é indispensável para o paralelismo que a substância seja única, pois o que faz com que a ordem e a conexão das ideias sejam as mesmas que a ordem e a conexão das coisas é que trata-se da mesma substância, ora compreendida sob um atributo, ora sob o outro. Para Delbos, “A doutrina do paralelismo retém, pois, tudo o que a concepção da unicidade da substância encerra de inteligível, combinada à ideia de atributos heterogêneos.” (1987, p. 77-78; 2002, p. 82).

2.0 PARALELISMO

Com o paralelismo Spinoza estabelece uma identidade de ordem entre as ideias e os corpos ou **isomorfia**, isto é, a identidade entre as séries dos atributos da substância absoluta; e uma identidade de conexão entre as duas séries ou **isonomia**, isto é, os atributos produzem seus respectivos modos autonomamente, mas eles agem segundo um mesmo encadeamento e sob princípios iguais. Enfim, é estabelecida a identidade de ser ou **isologia**, isto é, a mesma coisa é produzida no atributo pensamento sob o modo de uma ideia e no atributo extensão sob o modo de um corpo³.

Deleuze faz uma distinção entre o **paralelismo epistemológico** e o **paralelismo ontológico**. O primeiro ou o paralelismo epistemológico está expresso na proposição VII, na sua demonstração e no seu corolário; este é descrito como o paralelismo que se estabelece entre a ideia e o seu ideato, e segundo Deleuze, nos conduz a simples unidade de um “indivíduo”, formado pelo modo de um certo atributo e a ideia que representa exclusivamente este modo. Este tipo de paralelismo “implica a correspondência, a equivalência e a identidade entre um modo do pensamento e um modo tomado no seu atributo bem determinado”, podendo ser expresso pela forma geral: “um só e mesmo indivíduo é exprimido por um certo modo e pela ideia que lhe corresponde”; ou seja, a toda ideia corresponde qualquer coisa, pois nenhuma coisa poderia ser conhecida sem uma causa

³ DELEUZE, Gilles. *Espinosa: Filosofia Prática*, p. 73-77.

que a fizesse ser, e a toda coisa corresponde uma ideia, pois Deus forma uma ideia da sua essência e de tudo o que dela resulta. Considerado sob o aspecto das ideias e dos corpos, este paralelismo se desdobra num caso particular: o **paralelismo psico-físico**⁴

O segundo paralelismo ou paralelismo ontológico está expresso no escólio da proposição VII; este é o paralelismo que se estabelece entre os modos de todos os atributos, modos estes que não se distinguem senão pelos atributos; ou seja, “uma só e mesma modificação é exprimida por todos os modos correspondentes que diferem pelo atributo”; ou seja, os modos de todos os atributos expressam, nos seus respectivos gêneros, uma única modificação da substância, à semelhança dos atributos distintos que expressam uma única substância⁵.

Gueroult vai distinguir o paralelismo epistemológico em dois tipos: o **paralelismo extracogitativo** e o **paralelismo intracogitativo**. O primeiro ou o paralelismo extracogitativo é a “ideia considerada como essência objetiva ou representação de uma coisa diferente de um modo do atributo pensamento”⁶; ou seja, este paralelismo é dotado de função representativa, pois se dá entre as

⁴ Neste parágrafo estamos nos baseando e citando Deleuze em: DELEUZE, Gilles. *Spinoza: Filosofia Prática*, p. 73 a 77. DELEUZE, Gilles. *Spinoza et le problème de l'expression*, p. 100. Deleuze interpreta o termo “indivíduo” como significando “a unidade de uma ideia e de seu objeto”, baseado na proposição 21 da Parte II da *Ética* (conforme nota 3, *Spinoza et le problème de l'expression*, p. 100).

⁵ Idem, *ibidem*.

⁶ GUEROULT, Martial. *Spinoza*, v. 1 (Dieu), p. 70.

ideias e os modos dos outros atributos não mentais. Este tipo de paralelismo é o fundamento da correspondência entre a ideia e o seu objeto e explica a necessidade desta relação de correspondência entre a ideia e o seu objeto, garantindo assim que toda ideia tenha seu objeto. O segundo ou o paralelismo intracogitativo se dá no interior do próprio atributo pensamento de duas formas:

1ª. entre a ordem e a conexão das ideias e a ordem e a conexão das causas no interior do atributo pensamento;

2ª. entre a ordem e a conexão das ideias e a ordem e a conexão das ideias das ideias⁷.

A primeira forma do paralelismo intracogitativo “corresponde ao aspecto formal (ou ser formal), modo do pensamento e causa compreendida na cadeia infinita de causas no pensamento”⁸. Esta primeira forma é a responsável pela concatenação lógica de nossas ideias segundo a ordem das causas primeiras no interior do atributo pensamento, ou ordem da inteligência, que é a mesma em todos os homens, possibilitando à alma escapar da ordem fortuita das afecções do corpo ou associações de ideias. Ordem fortuita esta que possibilita ao homem passar imediatamente do pensamento de uma coisa ao pensamento de outra que não tem qualquer semelhança com a primeira, isto é, não tem nenhuma

⁷ Para estas passagens baseamo-nos em:

GUEROULT, Martial. *Spinoza*. Paris: Aubier-Montaigne, 1974. 2 v. (*Analyse et Raisons*). V. 2 (L'Âme), Chapitre IV, § X, XI, XI bis, XII, XIII, XIV, XV, XVI e XVII, p. 65 a 74.

⁸ GUEROULT, Martial. *Spinoza*, v. 2 (L'Âme), p. 70.

relação causal ou nenhuma conexão lógica. Como por exemplo, do pensamento da palavra *pomum*, um romano passará imediatamente ao pensamento de um fruto que não tem qualquer semelhança com este som articulado, nem nada de comum com ele, a não ser que o corpo deste homem foi muitas vezes afetado por estas duas coisas ao mesmo tempo: ele ouviu muitas vezes a palavra *pomum* ao mesmo tempo em que via o fruto (E2P18S).

A segunda forma do paralelismo intracogitativo corresponde “à ideia considerada em sua forma ou natureza, como ideia da ideia”, isto é, a ideia considerada como saber ou conhecimento⁹. Esta segunda forma é a garantia de que “quem sabe, sabe que sabe”, isto é, tem a certeza, pois a ideia da ideia não é senão a forma da ideia, enquanto é considerada como um modo do pensar sem relação com o objeto (E2P21S).

O paralelismo intracogitativo, considerado conjuntamente sob suas duas formas, é o fundamento da possibilidade de conhecermos a correspondência entre a ideia e o seu objeto, ou seja, é o garante da função representativa do paralelismo extracogitativo.

CONCLUSÃO

Como afirmado na Introdução, não há como demonstrar que Spinoza tinha Descartes em mente ao desenvolver sua doutrina do paralelismo. No entanto, fica evidente que a questão cartesiana, ou melhor, o problema posto por Descartes ao tentar solucionar sua própria questão, fica resolvido. Ou melhor: eliminado, pois, ao

⁹ Idem, *ibidem*.

adotar o monismo substancial, Spinoza possibilita a completa interação entre mente e corpo, que doravante não são mais duas substâncias, mas modos de dois atributos da substância única.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COTTINGHAM, John. *Dicionário Descartes*. Tradução Helena Martins; revisão técnica de Ethel Alvarenga. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

DELBOS, Victor. *Le Spinozisme*. 5. ed. Paris: J. Vrin, 1987. (Bibliothèque D'Histoire de la Philosophie).

_____. **O Espinosismo**: Curso proferido na Sorbonne em 1912-1913. Tradução de Homero Silveira Santiago. São Paulo: Discurso, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: Filosofia Prática*. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. *Index des Principaux Concepts de l'Éthique*. In: *Spinoza - Philosophie Pratique*. Paris: Minuit, 1981. p. 63-148.

_____. *Spinoza - Philosophie Pratique*. Paris: Éditions de Minuit, 1981.

DESCARTES, René. *As Paixões da Alma*. In: _____. **Descartes**. Introdução de Gilles-Gaston Granger. Prefácio e notas de Gérard Lebrun. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 213-294. (Os Pensadores).

_____. **Œuvres**. Publiées par Charles Adam & Paul Tannery. Paris: C.N.R.S. et J. Vrin, v. I (1987), v. II, III (1988), v. IV (1989), v. V (1974), v. VI, VIII-1, IX-1 (1982), v. VII (1983), v. VIII-2 (1987), v. X, XI (1986), v. IX-2 (1978). 13 v.

_____. *Princípios da Filosofia*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1997.

FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. *O nome de Spinoza*. Disponível em: <<http://www.benedictusdespinoza.pro.br/4939/17139.html>>. Acesso em: 28 nov. 2008.

GEBHARDT, Carl (Org.). *Spinoza Opera*. Im Auftrag der Heidelberger Akademie der Wissenschaften herausgegeben von Carl Gebhardt. Heidelberg: Carl Winter, 1925; Ristampa 1972. Milano: Edição Eletrônica a cura di Roberto Bombacigno e Monica Natali, 1998. 1 CD-Rom.

GUEROULT, Martial. *Spinoza*. v. 1 (*Dieu*) e v. 2 (*L'Âme*). Paris: Aubier-Montaigne, 1997. (Analyse et Raisons).

SPINOZA, Benedictus de. *Ethica - Ética*. Edição bilíngüe Latim-Português. Tradução e Notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. *Éthique*: Présenté et traduit par Bernard Pautrat. Paris: Éditions Du Seuil, 1999.